

## O ESTATUTO DA PALAVRA PROSÓDICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO<sup>63</sup>

*Sofia Martins Moreira Lopes (UFMG)*  
[sofiamoreira@hotmail.com](mailto:sofiamoreira@hotmail.com)

Na literatura linguística, a palavra prosódica é analisada distintamente da palavra morfológica. Em muitas línguas é verificada a existência de uma palavra morfológica que consiste de duas ou mais palavras prosódicas. Em outras línguas uma palavra prosódica é constituída por duas palavras morfológicas. Discute-se também que os limites da palavra prosódica – diferentemente dos limites da sílaba e pé – devem ser alinhados com limites morfológicos e/ou sintáticos. Portanto, se uma palavra morfológica consiste de duas ou mais palavras prosódicas, então cada palavra prosódica corresponderá a um morfema. A falta de isomorfia entre os constituintes morfológicos e prosódicos é imprescindível para explicar o processo de formação de palavras nas línguas.

Muitos autores argumentam que a palavra prosódica é um constituinte prosódico indispensável porque forma o domínio de várias generalizações fonológicas. Segundo Hall (1999) tais generalizações podem ser reduzidas a três tipos:

- (1) a) A palavra prosódica como domínio das regras fonológicas.
- b) A palavra prosódica como domínio de generalizações fonotáticas.
- c) A palavra prosódica como domínio de restrições de minimalidade.

Hall afirma que há muitos exemplos na literatura que argumentam que a palavra prosódica envolve regras fonológicas segmentais que fazem referência crucial a este constituinte. Tais como assimilações, processos de manipulação de tons, como também regras prosódicas que ordenam sílaba e acento.

A harmonia vocálica do Húngaro possui exemplos de formações que possuem duas palavras fonológicas, ou seja, constituem domínios de harmonia vocálica separados. Como no exemplo que segue:

- (2) prefixo + radical      (oda)<sub>w</sub> (menni)<sub>w</sub>      (to go there)      (ir lá)

---

<sup>63</sup> Este texto é parte da pesquisa de doutorado em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Estrutura Sonora da Comunicação Humana, sob a orientação do Prof. Dr. Seung Hwa Lee.

Esse tipo de formação do Húngaro mostra, significativamente, que o domínio da harmonia vocálica não pode ser capturado por outro constituinte prosódico, tais como pé ou sílaba, mas tão somente pela palavra prosódica. Outro ponto importante, que já mencionamos anteriormente, é que a palavra prosódica nesses tipos de formações não é isomórfica com a unidade morfológica.

O autor argumenta que a palavra prosódica não é apenas um constituinte que define o domínio de regras segmentais, mas também de regras de colocação de acento e silabificação. Ele cita Dixon (1977), cuja análise mostra que a colocação do acento na língua Australiana Yidiny aplica-se apenas dentro da palavra, não se aplica entre palavras prosódicas.

Nespor e Vogel (1986) afirmam que o mesmo ocorre com a colocação de acento no latim e no turco e na silabificação do holandês, ou seja, são processos prosódicos que operam dentro, mas não entre palavras prosódicas. Tal fenômeno pode ocorrer também no alemão, como no nos exemplos citados por Hall (*op. cit.*):

- |              |                                  |
|--------------|----------------------------------|
| (3) lieb + e | (amar - 1ª. pessoa do singular)  |
| lieb + lich  | (caro, afetuosamente – advérbio) |

Wiese (1996), baseado em Booij (1985), argumenta que a regra de silabificação em alemão aplica-se apenas com os segmentos sendo silabificados pertencentes à mesma palavra prosódica, o que pode ser intitulado de maximização de onset. Analisando os exemplos supracitados, Wiese define a palavra prosódica no alemão como (i) um radical nu (*bare*) adicionado de sufixo com vogal inicial (como em lieb + e); (ii) sufixos com consoantes iniciais (como em lieb + lich). Tal análise requer que as duas palavras em (3) sejam analisadas como (lieb + e)<sub>w</sub> e (lieb)<sub>w</sub> (lich)<sub>w</sub>, respectivamente.

É também possível analisar os referidos dados do alemão sob a ótica da teoria da otimalidade. Dada a restrição ONSET, que prediz que todas as sílabas começam com uma consoante, a silabificação (li.be) é melhor do que (lieb.e). Nesse caso, ONSET domina a restrição ALIGN-R (alinhamento de radical e sílaba à esquerda). Com a restrição ALIGN-R, a silabificação (lieb.lich) é melhor do que (lie.blich), na qual ocorre uma violação de ALIGN-R.

A partir dos referidos diagnósticos da palavra prosódica, em diferentes línguas, percebe-se a necessidade de se pesquisar mais sobre tal constituinte. Algumas questões podem ser levantadas:

- Determinar ou não o diagnóstico para palavras prosódicas para línguas individuais verdadeiramente correlacionam consistentemente para predizer a estrutura da palavra prosódica?
- Regras segmentais são diagnósticos seguros para palavras prosódicas, como é assumido por muitos autores?

Questões como estas serão exploradas nesta pesquisa a fim de diagnosticar da melhor maneira possível, a palavra prosódica no português brasileiro.

Vigário (2001) estuda a palavra prosódica no português europeu afirmando que tal categoria domina imediatamente o pé, pois todos os pés devem ser agrupados em palavras prosódicas. Conforme o referido estudo, pelo motivo de cada pé estar incluído em uma palavra prosódica e nunca haver casos em que um único pé pertença a palavras prosódicas diferentes, cada palavra prosódica possui um só acento primário. Ela aponta ainda que a presença do acento está correlacionada à ocorrência de outros fenômenos fonológicos, tais como a marcação de acento tonal e acento focal. Esses fenômenos, conforme Vigário, podem produzir sustentação adicional para o estatuto da palavra prosódica de um dado constituinte.

A autora analisa a prosodização dos clíticos, compostos e palavras derivadas, buscando inseri-los nos níveis do léxico: lexical ou pós-lexical. Para definir a condição de boa formação no domínio da palavra prosódica é feita a distinção entre palavra prosódica mínima e palavra prosódica máxima:

- (4) Condição de Boa Formação do domínio da palavra prosódica (cf. VIGÁRIO, 2001, p. 276):
  - a) Uma palavra prosódica mínima tem um e apenas um acento primário.
  - b) Uma palavra prosódica máxima tem um e apenas um elemento proeminente.

Assim, a palavra prosódica máxima é aquela que é imediatamente dominada pelo nível prosódico mais alto (ou seja, frase fonológica) e a palavra prosódica mínima domina o nível prosódico mais baixo (ou seja, o pé).

Vigário utiliza a formação ‘claramente’ para exemplificar o funcionamento das condições citadas:

- (5) Palavras derivadas com sufixos que formam domínio independente de acento (VIGÁRIO, 2001, p. 281)

claramente

Prosodização lexical

i. (clara)<sub>w</sub>

ii. (mente)<sub>w</sub>

Prosodização pós-lexical

iii. <sub>w</sub>(clara <sub>w</sub>(mente

iv. (clara)<sub>w</sub> (mente)<sub>w</sub>

v. ((clara)<sub>w</sub> (mente)<sub>w</sub>)<sub>w</sub><sup>max</sup>

Segundo a autora, apenas a unidade ‘clara’, e não ‘claramente’, forma uma palavra prosódica independente. Como uma unidade acentuada deve corresponder a uma palavra prosódica, ‘-mente’ forma sua própria palavra prosódica. Pós-lexicalmente, portanto, apenas o lado esquerdo das palavras prosódicas é projetado (como em iii). Contudo, a presença de dois acentos implica a formação de duas palavras prosódicas (iv) e daí formam um composto prosódico (em v). Essa análise do sufixo ‘-mente’ é feita igualmente para os prefixos acentuados, como na formação ‘pós-sintático’.

De acordo com a teoria da otimalidade, distintamente da concepção da teoria derivacional, as formas da superfície são obtidas pelas interações e hierarquias universais da teoria da otimalidade que se aplicam paralelamente nas formas da superfície, dispensando derivações intermediárias, ciclos, níveis e regras. Assim sendo, a concepção de Vigário de dois tipos de palavra prosódica (mínima e máxima) não é necessária.

A nossa proposta considera que as restrições de alinhamento condicionam os limites morfológicos que devem coincidir com os limites da palavra prosódica, assim como os limites da palavra prosódica devem ser alinhados com os limites da sílaba (cf. MCCARTHY & PRINCE, 1993a). Por exemplo, as seguintes restrições de alinhamento podem ser assumidas para a borda esquerda:

- (6) a) ALIGN LEFT (radical, palavra prosódica)  
b) ALIGN LEFT (palavra prosódica, sílaba)

Em (a) o lado esquerdo do radical refere-se ao lado esquerdo de palavras simples, ou seja, refere-se à parte de uma palavra prefixada depois do prefixo e dos constituintes dos compostos. Nota-se também em (a) que há uma relação entre dois tipos de representação: morfológica e prosódica. Já a condição de (b) mostra apenas um tipo particular de representação, qual seja, a representação prosódica.

Booij (1999), ao analisar as funções da palavra prosódica, mostra que frequentemente ela é considerada como domínio da silabificação. De acordo com o autor, embora tal percepção seja correta, a formulação atual é paradoxal (cf. BOOIJ, 1988): a palavra prosódica tem que ser definida antes da silabificação tomar lugar, considerando que, em contrapartida, a palavra prosódica pressupõe a existência de sílabas (e pé) porque ela é mais alta na hierarquia prosódica.

O autor considera que as condições de alinhamento resultariam na correta silabificação de palavras complexas. Ele mostra que numa abordagem baseada em regras, tem-se que referir a constituintes morfológicos tais como os membros dos compostos como os domínios da silabificação. Já na abordagem baseada nas restrições de alinhamento, o fato de o domínio de a silabificação ser a palavra prosódica não é um princípio de análise direto, mas o efeito das condições de alinhamento.

Admitimos neste estudo que através da concepção baseada em restrições é possível caracterizar a palavra prosódica de uma língua, verificando o comportamento dos processos de formações de palavras através do ranqueamento de restrições de alinhamento.

Selkirk (1995), distintamente de Vigário (*op. cit.*), explica a dominação prosódica através de restrições.

(7) Constraints on Prosodic Domination (SELKIRK, 1995, p. 190)

(where  $C_n$  = some prosodic category)

*Layeredness*

No  $C^i$  dominates a  $C^j$ ,  $j > i$ , e.g. “No  $\sigma$  dominates Ft.”

*Headedness*

Any  $C^i$  must dominate a  $C^{i-1}$  (except if  $C^i = \sigma$ ), e.g. “A PWd must dominate a Ft.”

*Exhaustivity*

No  $C^i$  immediately dominates a constituent  $C^j$ ,  $j < i-1$ , e.g. “No PWd immediately dominates a  $\sigma$  .”

### *Nonrecursivity*

No  $C^i$  dominates  $C_j$ ,  $j = I$ , e.g. “No Ft dominates a Ft.”

Segundo a autora, *Layeredness* e *Headedness*, que juntos incorporam a essência da *Strict Layer Hypothesis*, aparecem para serem propriedades que alcançam universalmente todas as representações fonológicas. Em termos da teoria da otimalidade, a inviolabilidade destas restrições implica que elas são não dominadas no ranqueamento de restrições de todas as línguas. Exaustividade e não recursividade, por outro lado, não produzem para o alcance de todas as instâncias da representação fonológica.

Selkirk assume a exaustividade e a não recursividade como restrições da estrutura prosódica que devem ser violadas. Assim sendo, os afixos violariam a não recursividade em relação à palavra prosódica (Non-Rec<sub>PWD</sub>). Acreditamos que tal restrição explicaria melhor a condição do afixo do que a proposta de Vigário de projeção em níveis. Aliando-se as restrições da dominação prosódica proposta por Selkirk às restrições de alinhamento das bordas dos constituintes (MCCARTHY & PRINCE, 1993a) será possível explicar:

- a relação da palavra prosódica com outros constituintes da estrutura prosódica;
- a relação da palavra prosódica com a palavra morfológica (interface morfologia-fonologia);
- a relação da palavra prosódica com as categorias sintáticas (interface sintaxe-prosódica).

Para explicar as propriedades da palavra prosódica no português brasileiro, utilizaremos as propostas da teoria da morfologia prosódica (MCCARTHY & PRINCE 1986, 1993 a) e da teoria da otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY 1993). Tais abordagens também consideram a interface morfologia-fonologia, a qual é formalizada através das restrições de alinhamento que promovem a competição entre as extremidades de certos constituintes prosódicos e morfológicos.

A importância de adotarmos tal teoria advém do fato de que a formação de palavras no português brasileiro não é exclusivamente concatenativa. Deste ponto de vista, morfemas são ligados um ao outro em um modelo linear. Como um resultado disto, a geração de novas palavras é realizada através da concatenação de morfemas, por meio da qual um morfema lexical deve combinar com um afixo (prefixação ou sufixação)

ou morfemas lexicais devem combinar um com o outro (composição). Os *outputs* dessas operações devem sofrer combinações subsequentes com outros morfemas produzindo até formas mais complexas. Mas, indiferentemente do número de morfemas que uma formação deve ter, naqueles tipos de processos, palavras morfologicamente complexas são formadas por encadeamento de morfemas, onde um morfema começa onde termina o precedente. Processos concatenativos não são infrequentes nas línguas do mundo. O tipo de morfologia é, de fato, um modo não marcado de combinar morfemas. Esses são os tipos mais comuns de morfologia usados na língua para derivar novas palavras e também para gerar formas flexionadas.

A maioria das pesquisas sobre a morfologia do português tem focalizado os processos de formação de palavras tais como a prefixação, sufixação e composição, para os quais a abordagem concatenativa produz resultados compatíveis. Entretanto, existem outros processos de formação de palavras no português, e na maioria das línguas do mundo, que não produzem formas com morfemas justapostos, tais como truncamento, reduplicação, *portmanteau* e hipocorísticos. Estes processos são tidos como marginais na língua e não podem ser explicados em um modelo linear. Portanto, já que esta pesquisa pretende caracterizar a palavra prosódica no português brasileiro, torna-se imprescindível analisar o maior número possível de processos de formações de palavras na língua. Somente a partir dessa análise, pode-se explicar se é plausível uma definição da palavra prosódica. Isto justifica o fato de adotarmos as teorias supracitadas, que buscam explicar processos da morfologia não concatenativa, comprovando que é possível haver regularidade em tais fenômenos.

Logo, admitimos nesta pesquisa que há princípios linguísticos consistentes interagindo na formação de processos não lineares que serão selecionados a partir de um ranqueamento de restrições morfológicas, prosódicas e de correspondência e que a análise de tais princípios é essencial para configurar a palavra prosódica de uma língua.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOOIJ, Geert. The role of the prosodic Word in Phonotactic Generalizations. In: HALL, T. A.; KLEIHENZ (Eds.). *Studies on the phonological words*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 47-72.

HALL, T. A. The phonological word: a review. In: HALL, T. A.; KLEIHENZ (Eds.). *Studies on the phonological words*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 1-22.

MCCARTHY, J. A Prosodic Theory of Nonconcatenative Morphology. In: \_\_\_\_\_. *Linguistic Inquiry*, 1986.

MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Foot and Word in Prosodic Morphology. In: \_\_\_\_\_. *Natural Language and Linguistic Theory*, 1990.

\_\_\_\_\_. Generalized Alignment. In: \_\_\_\_\_. *Rutgers Optimality Archive 7*, 1993a.

\_\_\_\_\_. *Prosodic Morphology Constraint Interaction and Satisfaction*, University of Massachusetts: Amherst and Rutgers, 1993b.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory*. Massachusetts: Rutgers University/University of Colorado, 1993.

SELKIRK, E. O. The prosodic structure of function words. In: BECKMAN, J.; URBANCZYK, S.; WALSH, L. (Eds.) *Optimality Theory*. University of Massachusetts Occasional Papers 18, Amherst, MA: GLSA, 1995, p. 439-469.

\_\_\_\_\_. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, n. 3, p. 371-405, 1986.

VIGÁRIO, Marina. *The prosodic word in European Portuguese*. 397 p. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001.

WIESE, R. *The Phonology of German*. Oxford: Clarendon Press, 1986.